



A Rádio mais Portuguesa

José de Freitas Silva*

Agora imaginem as Adufeiras de Monsanto, o grupo Instrumental de Constantim de Miranda do Douro, Maria João e Mário Laginha, os fadistas Carlos Zel e Argentina Santos e o Rancho Folclórico "Os Caponeses" de Riachos. Imaginem uma encenação e uma direcção musical inteligentes e sensíveis. E aí temos uma aguarela musical do nosso País do mais bonito que alguma vez se imaginou. (...) E como Monsanto sabe receber Santo Deus! Comida a rodos. Do bom e do melhor. Almoço e jantar no antigo forno comunitário. Tudo confeccionado pelas Adufeiras.

Cem anos que eu viva jamais esquecerei. Eram sete horas da manhã do dia 26 de Novembro de 1975. Como sempre o faço liguei o rádio da casa de banho para saber as notícias. Estávamos em pleno PREC e em Lisboa o clima era de guerra civil iminente. As rádios só transmitiam música e mensagens revolucionárias. Mas nesse dia, para meu espanto ouço um fado da Amália. Logo seguido de um tema do Trio Odemira. Coisas que já não se ouviam há quase dois anos. Aí, aqui há gato, pensei. Felizmente havia. Nessa noite o General Eanes saía vitorioso de um golpe que a ter falhado lançaria o País no caos. Por isso subscrevo por inteiro uma afirmação do Vasco Pulido Valente segundo a qual "foi o 25 de Novembro e não o 25 de Abril a dar a democracia a Portugal". Quer alguns gostem ou não, todos temos essa dúvida de gratidão parta com o "nosso" geral.

Pois há uns dois anos atrás aconteceu-me uma coisa parecida (em termos musicais, obviamente) já que em termos políticos a coisa hoje em dia é pacífica. No início de uma viagem do Ladoeiro para cá "apanhei" no rádio do carro com impressionante nitidez uma balada do António Santos seguido de um fado do Fernando Farinha (que não ouvia há "séculos") e fiquei encantado. Era o Rádio Clube de Monsanto que por capricho da tecnologia ou falta de potência eu não conseguia apanhar em Castelo Branco. Com a mudança de casa (e consequentemente modificação das condições de captação) e com a compra de um aparelho mais potente, passei a ter a permanente companhia do RCM. Com muito prazer e honra diga-se de passagem. É que em termos musicais eu "parei" nos Beatles. E como eu muita gente. De resto gosto muito de fado e fora isso tudo o que seja "música de elevador" (leia-se, adaptação orquestral de temas clássicos). Convenhamos que se calhar estes considerandos não são muito abonatórios dos meus gostos musicais. Mas é a verdade vardadilha e como eu há muita gente. Que são os tais clientes-ouvintes do RCM.

Não quero estabelecer paralelo com nenhuma rádio de Castelo Branco até porque considero as três muito boas e até tenho um apontamento semanal de meia hora numa delas. Mas tomemos como referência a TSF (que era a que eu ouvia antes). Pois há uns dias cronometrei os tempos e em meia hora a TSF deu-me quatro minutos e meio de notícias, onze minutos de música e o resto foi só de publicidade. Péssima por sinal. Desde os anúncios imbecis da Telecel até a um do Pursennide (remédio para a prisão de ventre) onde se reproduzem os sons dos puxos e dos gemidos de quem está sentado na sanita!

No RCM a publicidade é de cinco estre-

todas as rádios locais) é inteligente haver um acordo com a Antena 1 e dar uma olhadela aos grandes temas nacionais.

Por trás disto tudo está o dr. Joaquim Manuel da Fonseca, um personagem singular com um curriculum esmagador. Desde a Rádio Alitude da Guarda até Timor onde fundou rádios locais e foi correspondente da então Emissora Nacional, este homem já fez de tudo. É um carola que fala com paixão de Monsanto e de tudo o que se relaciona com o progresso e desenvolvimento da sua terra. Sempre com a preocupação obsessiva de que o desenvolvimento de Monsanto nunca pode colidir com qualquer atentado ao riquíssimo património arquitectónico e monu-

mentais. Foi uma encomenda de Brigitte Marger, directora Geral da Cité de la Musique em Paris. O desafio foi assumido por Ricardo Pais tendo agregado a etno-musicóloga Salwa Castelo Branco e Mário Laginha que assumiu a direcção musical. Agora imaginem as Adufeiras de Monsanto, o grupo Instrumental de Constantim de Miranda do Douro, Maria João e Mário Laginha, os fadistas Carlos Zel e Argentina Santos e o Rancho Folclórico "Os Caponeses" de Riachos. Imaginem uma encenação e uma direcção musical inteligentes e sensíveis. E aí temos uma aguarela musical do nosso País do mais bonito que alguma vez se imaginou. Depois de vários dias de lotações esgotadas no Teatro de S. João no Porto o grupo seguiu para Paris onde teve um sucesso estrondoso e vai estrear no Teatro da Trindade em Lisboa em Outubro. A SIC teve a intuição da grandeza do evento. E gravou o espectáculo para exhibir em Outubro na nova grelha de Outono.

Entretanto este grupo consolidou amizades. Já fizeram um convívio em Riachos e na semana passada foi a vez de ser Monsanto a receber. Tive a honra desmedida de ser o único convidado. E como Monsanto sabe receber Santo Deus!

Comida a rodos. Do bom e do melhor. Almoço e jantar no antigo forno comunitário. Tudo confeccionado pelas Adufeiras. Subida ao Castelo e lançamento do "Pote de Flores (recriação da cerimónia do mês de Maio). Magnífica sessão de fogo de artifício pela Pirotecnia oleirense que ganhou o primeiro prémio num concurso em Macau. Sessão de fados no "forno". E quando já passava da meia noite o convívio terminou com as Adufeiras de Monsanto a cantar "A Encomendação das Almas e dos Martírios". Uma coisa linda e arrepiante.

O regresso a Castelo Branco foi feito devagar e em silêncio, rendido que estava ainda às sonoridades e ao encantamento. Bem hajam Quim Manuel. Já sabia que as minhas raízes eram rurais. Agora fiquei a saber que as paixões também são.

*médico



No Castelo de Monsanto foi recriada a cerimónia de Maio

mentais daquela linda aldeia. Não conhecia o "Quim Manel". Mas telefonávamo-nos e escrevíamo-nos há cerca de dois anos. Agora fui finalmente a Monsanto conhecê-lo, bem como as instalações do RCM. Tudo a propósito do espectáculo Raízes Rurais - Paixões Urbanas, encenado por Ricardo Pais, director do Teatro Nacional de S. João no Porto. Mas já lá vamos.

Só duas palavras a propósito das instalações do RCM. Fiquei banzado e merecem uma visita. Nunca tinha visto coisa assim. Ali convivem na maior harmonia uma série de computadores e material radiofónico do mais sofisticado com as paredes de granito, os bordados de alvo linho das janelas, uma excelente colecção de rádios antigos e outros objectos avulsos de velhas profissões da nossa Beira e que tornam este espaço também um lindo museu etnográfico.

Há um espaço religioso patrocinado por uma confissão que não a minha mas ouve-se com enorme prazer. Falam principalmente de valores e de princípios. Sobretudo não falam de Maria como se estivesse sido uma mulher de mau porte. Como já vi algumas religiões (!) fazerem.

O noticiário é bom. Para além do noticiário local e regional (a grande razão de ser de

Duas linhas sobre o espectáculo "Raízes